

As Crianças Geradoras de Polémicas

Desde sempre as crianças despertaram fortes motivos de polémicas. Uma vez as razões assentam nas dificuldades de educar — invoca-se a genética, o meio, as carências económicas, a família, a Escola e tantas outras a que se seguem, provenientes de todos os lados, opiniões de planificação correctora onde o Estado terá papel importante. Outras vezes os problemas são relacionados com a "preocupante e nítida rejeição" das crianças à transmissão clássica para atingir bom nível cultural e sua substituição pela tecnologia audiovisual, a que alguns já chamaram "o efeito ópio". Como se houvesse incompatibilidade entre os diversos meios para atingir o mesmo fim... Outras vezes fala-se das crianças vítimas: da sociedade, vítimas porque são "utilizadas" pela própria família que procura ganhos de alguma natureza, vítimas de catástrofes que não se podem prever e evitar, etc., etc.

Neste mar quase inesgotável de assuntos, há no entanto um de que repetidamente se fala e logo a seguir se esquece, uma espécie de onda que vai e vem e que tal como no mar, dependendo das marés, ou é alta, negra de espuma turva, ou baixa, límpida, serena (de esperança) terminando ambas na praia, e por ali ficam. . . Tem sido assim o assunto **novos hospitais pediátricos**.

Há pelo menos vinte e cinco anos que nós pediatras — e em boa verdade alguns outros preocupados com crianças — somos confrontados com este "grave e complexo" problema.

De facto, historicamente, em Portugal há dois hospitais pediátricos seculares, que alguém (apesar de polémicas, quem sabe?) mandou construir por ter sido sentida necessidade de tratar e internar crianças com doenças prevalentes na época, dominadas pelas infecções e má nutrição, e existe um terceiro, fruto de outras necessidades e circunstâncias, que resultou, há trinta anos numa adaptação (polémica?) de um antigo mosteiro da Ordem de Cister.

Em qualquer deles, em 2004, no quinto ano do séc. XXI, no ano do Euro, na era de outras doenças pediátricas igualmente catastróficas e comprometedoras do futuro, em qualquer deles se internam crianças e jovens em condições desadaptadas e deploráveis e onde os profissionais se esgotam — os que ainda resistem porque muitos desistiram.

Tudo isto se passa — é bom realçar — num país europeu com estádios que correspondem às normas rígidas europeias e que em quatro anos foram construídos à escala e ao ritmo europeus! Nada grave, nada complexo...

O que parece ser grave e complexo (polémico??) para este país, para os nossos políticos, para os nossos governantes, é decidir a construção de novas unidades pediátricas. E esta indecisão é tão absurda como dolorosa: absurda porque como toda a ausência de visão política na promoção da saúde infantil vai ter custos previsivelmente gigantes, e dolorosa porque representa uma falta de respeito pelos direitos das crianças e jovens que todos dizem amar, mas que em verdade poucos serão autênticos no seu discurso de afectos.

E os profissionais de saúde estarão inocentes neste processo lesivo dos interesses dos nossos doentes? Lamentavelmente não. Alguns entre nós têm alimentado as "tais polémicas", têm dado trunfos aos que deles se serviram para justificar os atrasos e inércia de novas construções. Temos esquecido as crianças que deviam estar acima de lutas e querelas. E o que é grave é que vai sendo cada vez mais tarde para recuperar o que não se tem feito por elas.

Pelo menos há 10 anos que se justifica existir no nosso país um hospital pediátrico central por zona, no quadro duma rede assistencial com diferenciação escalonada e articulados com outros serviços hospitalares e pediatria ambulatória.

Para nós sempre foram e continuam menos importantes

o local e as ligações a outras instituições ou centros/grupos do que a definição político-administrativa dum hospital pediátrico. Ou seja, por razões compreensíveis de melhor funcionalidade e maior rentabilização de recursos e equipamentos, um hospital pediátrico pode estar anexo a uma maternidade ou próximo de um hospital geral de adultos. Há que levantar os dados e fazer estudos isentos antes da tomada de decisões. O que não pode é deixar de exigir e possuir uma gestão administrativo-financeira autónoma que lhe permita, em todos os momentos, ter em conta e respeitar a especificidade da criança e do jovem no seu todo, desde os requisitos assistenciais propriamente ditos às vertentes

de humanização e investigação clínico-científica.

A pediatria é uma ciência global da faixa etária bem conhecida. Daí que os hospitais pediátricos devam ter condições para cumprir os itens requeridos dependentes dessa ciência.

Seria bom que os pediatras, verdadeiros defensores das crianças se unissem (*sem polémicas*) em redor daquele objectivo, e esquecessem o que é acessório.

É que vai sendo tarde...

M. Lourdes Chieira